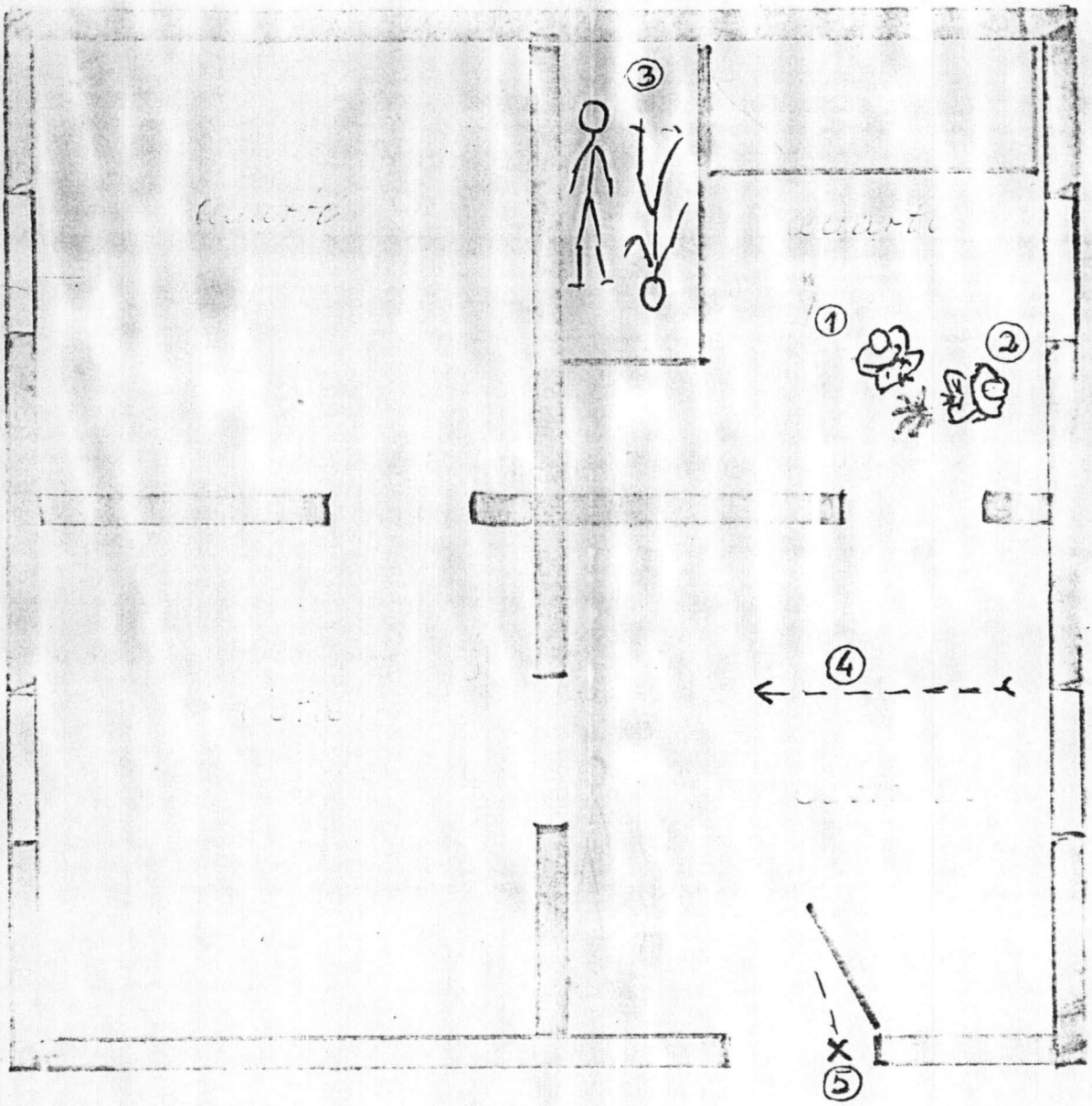
1962

C. U. C. O. A. N. U.
CAIXA POSTAL, 1075
BELO HORIZONTE
BRASIL

Local da ocorrência: Duas Pontes, distrito de DIAMANTINA, MG.
Data da ocorrência: 19 de Agosto de 1962 e 20 de Agosto de 1962
Observadores: RIVALINO MAFRA DA SILVA e
RAIMUNDO ALELUIA MAFRA



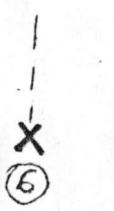
(1) e (2): Rivalino e Raimundo ao pé do fogo (19/Ago/62)

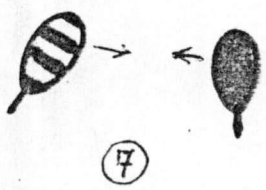
(3): Dois filhos menores de Rivalino, dormindo

(4): Trajetória da "sombra" na cozinha

(5) e (6): Posições de Raimundo e Rivalino, pouco antes da desaparição deste.

(7): Posição dos objetos, pouco antes de se unirem para começar a girar





C. I. C. O. A. N. I.
CAIXA POSTAL 1025
BELO HORIZONTE
-BRASIL-

O CASO "DUAS PONTES"

Em Agosto de 1962 o relato de um menino pobre, analfabeto e tímido provocou enorme celeuma na cidade de Diamantina, repercutindo em todo o Estado de Minas Gerais e além dos seus limites.

RAIMUNDO ALELUIA MAFRA, de 12 anos, órfão de mãe, auxiliava seu pai RIVALINO MAFRA DA SILVA nas suas atividades de caçada e garimpagem, responsabilizando-se também pela assistência a dois de seus quatro irmãos menores.

Situada em DUAS PONTES, distrito de DIAMANTINA, Estado de Minas Gerais, a residência da família Mafra era um casebre completamente isolado. Por dezenas de vezes o menino repetiu seu relato ao Tenente Wilson Lisboa, Delegado de Polícia do município, ao Juiz de Direito, aos médicos, sacerdotes, jornalistas e a um sem número de pessoas que, apesar de refugarem a versão de Raimundo, ficaram impressionadas com sua coerência e tranquila convicção.

Alegava que seu pai RIVALINO TINHA DESAPARECIDO ANTE SEUS OLHOS, CERCADO POR UM REDEMOINHO DE POEIRA AMARELA LEVANTADA POR DOIS PEQUENOS OBJETOS, POSTADOS À PORTA DO CASEBRE. E chorava mansamente, convencido de que seu pai jamais voltaria.

Logo após a desaparição do pai, Raimundo procurou vestígios seus na vizinhança e foi chamar o Sr. João Madalena de Miranda, funcionário de uma fábrica distante. Chegando este amigo ao local da desaparição, uma clareira de terra batida, notou que ele parecia ter sido cuidadosamente varrido, numa área cujo raio media 5 metros.

As buscas, já sob a direção da Polícia de Diamantina, começaram no mesmo dia e continuaram por muito tempo. Cães amestrados da Polícia Militar chegaram de Belo Horizonte, mas não encontraram rastros do garimpeiro. Os vôos das aves de rapina eram acompanhados atentamente, como possível indício para localização do corpo de Rivalino.

O Cônego José Ávila Garcia, vigário de Diamantina, apesar de não acreditar na versão do menino, revelou que na semana antecedente ao desaparecimento de Rivalino um funcionário do Departamento dos Correios e Telégrafos, sr. Antônio Rocha, avistou "duas bolas de fogo" voando em círculos, a grande velocidade e baixa altitude, exatamente sobre Duas Pontes, onde residia o garimpeiro. O sr. Antônio Rocha confirmou, ao repórter do "Diário de Minas", esta comunicação.

Após exame clínico efetuado em Raimundo, o médico Dr. João Antunes de Oliveira revelou nada ter descoberto de anormal, além do estado de desnutrição. O menino pareceu-lhe em boas condições mentais.

C. I. C. O. A. N. I.
CAIXA POSTAL 1075
BELO HORIZONTE
- BRASIL -

Por iniciativa do Juizado de Menores, Raimundo foi conduzido a Belo Horizonte, pelo Comissário Antônio Cruz. Nesta Capital ele repetiu a estória com os mesmos detalhes, inclusive para o CICOANI. Antes de interná-lo no "João Pinheiro", Instituto para proteção e instrução de menores desvalidos, o Juizado procidenciou exame psiquiátrico e testes psicológicos, cujos resultados em nada contribuiram para solucionar a questão.

DEPOIMENTO DO MENOR RAIMUNDO ALELUIA MAFRA AO CICOANI, EM 30/08/62 (resumo)

Diz Raimundo que, cerca das 20 horas de 1º de Agosto deste ano, encontrava-se com seu pai Rivalino Mafra da Silva num cômodo de sua residência, onde dormiam dois de seus quatro irmãos menores. Ele e o pai achavam-se agachados em torno de um pequeno fogo que fizeram no chão de terra batida do quarto, próximos a uma porta que liga o mesmo à cozinha. Em certo momento seu pai chamou-lhe a atenção para uma sombra escura e indefinível, que deslizava silenciosamente pela cozinha, na direção de um outro cômodo. Essa silhueta foi descrita como tendo quatro pernas, mas dela o menino nada pôde precisar, afirmando apenas que tinha alguma semelhança com homem a engatinhar. À guisa de cabeça o menino descreveu na sombra um "topete", querendo dizer alguma saliência, que teria se virado na direção do quarto, ao passar pela porta, dando a Raimundo e seu pai a impressão de terem sido observados.

Em seguida o sr. Rivalino levantou-se, indo até à porta por onde a sombra se mostrara, ou um pouco além, nada conseguindo divisar. O menino admite que o medo poderia ter impedido ao seu pai uma revista no resto do casebre escuro, mas garante que as trancas internas das duas únicas portas - uma da cozinha, outra da sala - estavam fechadas.

Voltando para o quarto, o sr. Rivalino viu-se na impossibilidade de dormir, assim como o seu filho. Em certa altura, ouviram ambos vozes humanas, "grossas e enroladas", citando o nome do sr. Rivalino e dizendo que iam matá-lo tão logo saísse de casa. Ouviram também um ruído semelhante ao de um despertador, proveniente de fora da casa. O garimpeiro e seu filho atravessaram a noite sem dormir.

C. I. C. O. A. N. I.
CAIXA POSTAL 1675
BELO HORIZONTE
-BRASIL-

Às 6 horas da manhã seguinte, 20 de agosto, segunda-feira, Raimundo preparou-se para sair de casa e buscar a montaria de seu pai, no terreiro anexo. Ao abrir a porta da cozinha, que dava para o terreiro, deparou com DOIS PEQUENOS E ESTRANHOS OBJETOS POUSADOS NO SOLO, a poucos metros de distância. Diferindo na cor, eram idênticos quanto à forma e tamanho. AMBOS TINHAM FORMA OVALADA E MEDIAM ENTRE 40 e 50 CENTÍMETROS NO DIÂMETRO MAIOR. A existência de um pequeno apêndice numa das extremidades de cada objeto, conjugada à forma dos mesmos, fez lembrar a Raimundo as figuras de tatús. Estes APÊNDICES, DO TAMANHO DE UM DEDO, TINHAM FORMA TUBULAR, segundo a descrição do menino. E, tal qual "rabichos", projetavam-se das partes traseiras dos objetos, as quais estavam um pouco suspensas do solo. No momento em que Raimundo os percebeu, esses apêndices apontavam para a porta, ou seja, para a sua pessoa. Em seguida, quando o sr. Rivalino chegou à porta, atendendo ao chamado de seu filho, os tubos apontavam para a direção oposta, indicando que os objetos teriam virado. UM DOS OBJETOS ERA INTEIRAMENTE NEGRO, FOSCO. O OUTRO ERA ERA RAJADO DE BRANCO E PRETO, COM LISTAS IGUAIS EM LARGURA E TRAÇADAS TRANSVERSALMENTE AO DIÂMETRO MAIOR DO OBJETO. Esta descrição foi feita pacientemente, com o auxílio de um "retrato falado".

O sr. Rivalino, logo ao perceber os dois objetos, colocados lado a lado, um metro um do outro, admirou-se soltando a frase: "Que será isto?" Recomendou ao filho que não saísse pela porta e, tendo ainda na mão a faquinha e o fumo com que preparava seu cigarro de palha, o sr. Rivalino aproximou-se lentamente dos objetos, afirmando seu filho que ele não parecia demonstrar medo. À APROXIMAÇÃO DE RIVALINO, OS DOIS OBJETOS SE UNIRAM LATERALMENTE, COM UM SOM SURDO E COMEÇARAM A GIRAR EM CONJUNTO, VELOZMENTE E LEVANTANDO LOGO UM REDEMOINHO DE "POEIRA AMARELA", A QUAL ENVOLVEU RIVALINO, sem atingir o filho. Este declara que, além do surdo ruído durante o choque dos objetos, o único ruído que ouviu foi o zumbido do vento que levantava a espiral de poeira, tendo esta impedido que Raimundo enxergasse tanto os objetos, quanto seu pai, que não reapareceu quando cessou o redemoinho.

C. I. C. O. A. N. I.
CAIXA POSTAL, 1675
BELO HORIZONTE
- BRASIL -

COMENTÁRIOS DO CICOANI

Após meses de investigação infrutífera, surgiu a notícia de que o esqueleto de Rivalino fora encontrado. O jornal "A Estrela Polar" (Diamantina, 10/03/63) afirma que, "no 3º dia de Carnaval (1963), cinco caçadores encontraram, bem perto do casebre de Rivalino, , em lugar de difícil acesso, a sua ossada. Caiu por terra o conto da Carochinha. Falta agora esclarecer o resto" - diz o jornal (os grifos são nossos).

Em verdade, diríamos nós, o "resto" que falta a esclarecer é praticamente tudo. Se não, vejamos:

As explicações convencionais se reduziram a duas: O Rivalino teria fugido ou teria sido vítima de sequestro e/ou assassinato. No primeiro caso, a estória apresentada pelo filho seria um álibi inspirado pelo próprio Rivalino, para cobrir a sua fuga; no segundo, seria um álibi engendrado pelos criminosos. Nos dois casos, portanto, haveria participação do filho, para cobertura de um episódio que, estranhamente, contrariava o interesse e a segurança do mesmo: ele demonstrou gostar do pai e acabou ficando sozinho com dois irmãos menores.

De qualquer forma, estranha-se que suas notórias timidez e inexperiência não o levassem a vacilar em qualquer ponto dos repetidos depoimentos que teve de prestar a policiais, juízes, sacerdores, médicos, jornalistas e, finalmente, a ufologistas do CICOANI e da SBEDV (Dr. Walter Buhler). Mais estranho ainda é que, para encobrir um crime, se apresentasse álibi de tal forma sofisticado e discrepante do contexto sócio-cultural, a ponto de chamar a atenção não só da Polícia de Diamantina, como do Estado inteiro. O efeito da estória seria, então, o oposto ao de um álibi.

Se a estória do menino é inteiramente fruto de delírio ou alucinação, como explicar que o exame psiquiátrico não tenha revelado os sintomas correspondentes? Como explicar que o menino tenha projetado no ambiente conteúdos intra-psíquicos de implicações tecnológicas tão avançadas e relativos a um tipo de fenômeno do qual jamais ouvira falar?

Na literatura específica dos "discos voadores" há referências a diminutos objetos telecomandados, de formas, dimensões e comportamentos semelhantes aos descritos pelo menino. Pela raridade de suas fontes, tais referências mantiveram-se praticamente restritas aos especialistas, sendo, obviamente, inacessíveis a crianças analfabetas do meio rural.

C. I. C. O. A. N. I.
CAIXA POSTAL, 1075
BELO HORIZONTE
- BRASIL -

Outro ponto a explicar é a presença de objetos aéreos não - identificados nas proximidades do casebre de Rivalino, uma semana antes do seu desaparecimento, assim como a extraordinária "varredura" do terreiro onde ele ocorreu.

Quanto ao esqueleto encontrado (se encontrado), que tipo de exame possibilitou relacioná-lo a Rivalino? Se a ossada foi descoberta perto de sua moradia, seis meses depois, como se explica que seu cadáver não fosse encontrado, após dias de buscas minuciosas, enquanto era devorado pelos urubus e outros animais necrófagos? O cadáver não seria consumido por animais se estivesse enterrado mas, então, o prazo de seis meses seria insuficiente para que restasse apenas o esqueleto limpo. Caso este seja realmente do Rivalino, resta a hipótese de que sua carne tenha sido consumida de forma total e quase instantânea por meios não convencionais.

Parece, portanto, que do caso "Duas Pontes" tudo resta a explicar.

10/09/68

Hilário Brant Aleixo